

“Futebol e Moralidade: Construção social da normatividade e dilemas morais no debate sobre tecnologias de monitoramento”

GT 23- Sociología del deporte, ocio y tiempo libre

Simone Magalhães Brito (UFPB)

Jorge Ventura de Moraes (UFPE)

Resumo:

Neste artigo analisamos os argumentos sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol elaborados por agentes envolvidos direta (jogadores, treinadores e árbitros) ou indiretamente (jornalistas esportivos). Seguindo Boltanski e Thévenot, discutimos como se dá a construção da justificação moral dessas posições em disputa. A partir das falas, foi analisado (1) que idéias de moralidade no futebol foram utilizadas como recurso persuasivo e (2) o seu efeito na interpretação das regras com o intuito de compreender não uma moralidade *da* interação, mas a moralidade *na* interação.

Palavras-Chave: Tecnologias de monitoramento, moralidade, justificação.

Existe um debate que divide as opiniões no mundo do futebol: o uso ou não de tecnologias de monitoramento. O corrente desenvolvimento da tecnologia supostamente permitiria respostas mais precisas para as dúvidas sobre certos lances: se foi gol ou não, se havia ou não impedimento, se houve um toque de mão, etc. No entanto, não existe um consenso acerca da importância de utilização de tais tecnologias para a prática do futebol. A idéia de que é possível obter uma maior precisão nas decisões do juiz a partir do uso de câmeras, softwares ou microchips, que parece bastante razoável num primeiro olhar, não é unânime.

É importante perceber que esse problema não se refere à tecnologia em si, uma vez que esta vem sendo constantemente empregada no desenvolvimento histórico deste esporte, desde mudanças no gramado, na bola e no uniforme até o preparo físico de atletas. A maior controvérsia está relacionada ao uso de artefatos que permitam afetar ou auxiliar a decisão do juiz. Ainda que o uso de novas tecnologias possa sempre envolver dilemas éticos, o problema do monitoramento está imerso em tantas disputas porque sua natureza é eminentemente valorativa. Como buscamos argumentar, o debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento, diferentemente de outras aplicações, toca num nervo central da organização moral do jogo: o papel da fortuna ou do destino.

Assim, além de sua clara influência no uso das regras e na expectativa sobre sua aplicação, o uso das tecnologias de monitoramento está diretamente envolvido com (1) o ‘espírito do jogo’, (2) o equilíbrio das emoções e (3) a conexão entre jogo e vida (base de sua caracterização moral). A configuração social estabelecida em torno deste debate tem o particular caráter de persuadir os atores sociais a revelar sua posição com relação a cada um daqueles três aspectos. Em outros termos, a análise dessa disputa nos permite uma posição privilegiada para compreensão dos aspectos pragmáticos da experiência moral.

Inicialmente, nossa pesquisa mapeou o debate sobre o tema no Brasil a partir da posição dos agentes envolvidos, direta (jogadores, treinadores e árbitros) ou indiretamente (jornalistas esportivos). Entrevistamos membros de clubes da Série A e diversos jornalistas do país. Como resultado, identificamos, então, três posições: a primeira, amplamente favorável ao uso de tais recursos, baseada em argumentos racionais e de justiça; a segunda, também favorável, mas apenas em lances capitais e

factuais já consumados (foi ou não foi gol); e uma terceira, contrária, baseada na emoção, imprecisão e imperfeição do futebol em clara analogia com o cotidiano.

Neste artigo buscamos apresentar uma análise dos argumentos elaborados em cada uma dessas posições. Interessa apresentar como, a partir da experiência do futebol e do uso de suas regras, são elaboradas as idéias de justo e injusto, bom e mau, certo e errado. Seguindo a perspectiva de Boltanski e Thévenot, pretendemos analisar como se dá a construção da justificação moral das posições em disputa sobre o uso das tecnologias de monitoramento. Seguindo esta perspectiva teórica, tentaremos identificar que elementos cada uma dessas posições utiliza na tentativa de estabelecer o consenso sobre sua posição e como, ao assim fazer, estabelecem uma prática moral.

1. Moralidade e Modos de justificar

2.

É possível afirmar que, nos últimos anos, estamos assistindo ao que Michéle Lamont chamou de “retorno da moralidade” na pesquisa sociológica (Hitlin, S. & Vaisey, 2010). A idéia de um recente ‘renascimento’ da pesquisa sobre valores (idem) e normatividade nas Ciências Sociais apresenta imediatamente alguns problemas para a perspectiva sociológica: a compreensão da natureza da experiência moral requer uma perspectiva sobre os valores que confronta a tradição da disciplina¹. Apresentando esse problema de forma simplificada, teríamos uma tradição disciplinar marcada pela tendência a entender os valores a partir de suas determinações sociais (Bauman, 1999) em oposição a uma idéia de valores universais. Assim, a análise sociológica da moralidade operou no sentido de transformá-la em “cultura”, mas, segundo alguns autores (Adorno, Bauman), existe uma dimensão da experiência moral que é radicalmente diferente da cultura.

Esse debate é extremamente difícil porque envolve os fundamentos mesmo da disciplina e, ainda, não é possível estabelecer nenhum acordo sobre de que tipo de filosofia da moral podemos nos aproximar. Nesse sentido, o debate mais amplo sobre a sociologia da moralidade precisa se alimentar de pesquisas e esforços de compreensão da experiência das normas regras e valores ao mesmo tempo que necessita de sua fundamentação teórica. É nesse ponto que o diálogo com a Sociologia dos Esportes se mostra de grande interesse. Se tomarmos a perspectiva da filosofia dos esportes e o problema dos valores nesta (Sheridan, 2003), é possível pensar nas práticas desportivas como “experimentos morais”. O debate sobre os processo de esportivização e reificação do mundo dos esportes, na verdade, como forma de reação e crítica aos processos sociais correntes no mundo dos esportes, confirmam essa idéia.

Neste sentido, este trabalho busca contribuir para a pesquisa sociológica à medida que constrói pontes de diálogo entre a problematização sociológica da moralidade e a sociologia dos esportes, mas particularmente do futebol.

Pensando nos casos traumáticos da história do futebol (como o “Ghost Goal” de 1966, o gol de mão de Maradona, O “Gol Anti-Wembley” de 2010) percebemos que não é possível compreender a sua dimensão, e nem o que eles significam para a experiência dos membros da comunidade futebolística, se não entendermos sua natureza ética². Sem a percepção de sua dimensão moral, o debate apaixonado que os gols fantasmas suscitam perdem o sentido. Os supostos erros dos juízes nos casos de gol fantasma tornaram-se ‘traumas coletivos’ porque são importantes eventos no processo de desenvolvimento dessa experiência moral do futebol. Assim como, por exemplo, golpes, reverses e discursos do passado são inscritos na nossa vida política e passam a ecoar na nossa visão do presente, os erros de um árbitro de futebol em momentos cruciais marcam a experiência do jogo e de sua comunidade.

¹ Ver: Brito, Morais e Barreto (2011)

² Aqui usamos o termo “ética” pelas mesmas razões que Adorno em suas aulas intercambiava os termos moral e ética, mesmo sabendo de suas distinções históricas: o simples cansaço de repetir a mesma palavra. (Adorno, 2000)

Seguindo esta perspectiva, esta pesquisa está baseada na hipótese de que as disputas em torno das tecnologias de monitoramento adquiriram centralidade devido a sua relação direta com a experiência moral e a construção e performance de valores. Nesse sentido, o problema do uso das tecnologias de monitoramento se torna tão fundamental porque a sua “resolução”, ou, pelo menos, uma tomada de posição, implica a necessidade de ordenação e exposição dos fundamentos normativos do futebol: as idéias de justiça, fortuna, beleza, o valor da vitória, dentre outros. O uso do vídeo tape não pode ser pensado como apenas mais um recurso porque, além da maneira como afeta o papel do juiz em campo, o seu uso pode implicar no fim da ação da ‘fortuna’ no jogo³ (enquanto a sua presença, ou a certeza de que algo nos escapa, garante a possibilidade de aproximar o jogo e a vida). Ainda do ponto de vista de uma sociologia dos valores, é importante perceber que, apesar das muitas concordâncias que organizam a experiência do futebol, os atores sociais precisam construir argumentos que reelaborem a experiência comum ou os fundamentos do jogo a seu favor (necessidades pragmáticas). Assim, o debate sobre os usos de tecnologias de monitoramento permite-nos perceber um aspecto importante da vida moral: como atores sociais relacionam regras e valores na tentativa de estabelecer suas posições e justificar suas ações.

Boltanski e Thévenot (2006) apresentam uma perspectiva teórica e metodológica para lidar com os problemas da sociologia da moralidade. Através da análise dos modos de justificação, sua teoria sai do debate sobre os elementos transcendentais, mas, ao reconhecer a relativa autonomia dos processos constitutivos das ‘ordens de valor’, não desconhece as especificidades da constituição da experiência moral. “Justificação” envolve mais que “apenas palavras” (Lamont e Thévenot, 2000) ou explicações, ela envolve o engajamento de todos os entes da situação na tentativa de atender às necessidades pragmáticas do processo de legitimação (idem).

A experiência social da moralidade requer dos atores o desenvolvimento de práticas capazes de evitar a violência através do seu engajamento em estratégias de convencimento. A forma de convencer ou provar argumentos, a maneira como situações e objetos são avaliados e referidos varia de acordo com as situações e, especialmente de acordo com cada tipo de valor (ou ordem de valor) em questão.

Portanto, na discussão que se segue, buscamos, a partir da comparação entre as maneiras pelas quais cada grupo coordena recursos normativos e elabora justificações, compreender como se dá a construção de repertórios de avaliação e da moralidade *nas* interações do mundo futebolístico.

3. O problema da adequação entre futebol e vida

4.

Em nossas entrevistas encontramos um maior número de posições favoráveis ao uso das tecnologias de monitoramento. Contudo, não nos interessa pensar aqui a representatividade dessa posição, mas a sua articulação como um valor moral ou os elementos da experiência utilizados para apresentá-la como a melhor representação da posição justa ou reta. Dessa maneira, como nos interessa perceber os recursos argumentativos, é necessário notar que as três posições encontradas não são grupos ou seções, como partidos dentro do futebol, mas uma série de disputas em que os atores se movem tentando ‘cativar’ a partir de valores comuns ou tornar efetivas o seu modo de valoração da experiência.

Para os defensores das tecnologias de monitoramento, o seu uso viria para corrigir uma suposta injustiça fundamental que se estabelece a partir da televisão e do vídeo tape: quem está em campo não tem direito ao mesmo ‘olhar’ ‘certo’ e ‘verdadeiro’ daquele que vê o jogo pela televisão:

“eu acho que o recurso eletrônico ajudaria o árbitro, isso eu sou plenamente a favor, isso não é mudar a lei, é justamente ter certeza para aplicar a lei, (...) a coisa profissional, com câmeras de qualidade, com equipamentos para reprisar o lance na hora em poucos segundos como você vê na TV. Você está em casa assistindo na televisão, o gol é

³ (Brito, Morais e Barreto, 2011.b)

repetido imediatamente, você às vezes está lá na cozinha preparando um suco... e o jogo rolando... Quando o locutor grita gol você vem logo para sala e vê o gol de novo, você perdeu o gol, mas vê o gol porque a televisão repete, quer dizer, isso podia ser feito para o árbitro ali, duas, três vezes talvez ele precisasse da repetição, haveria um operador para fazer isso na beira do campo. Eu sou favorável”

Seguindo essa lógica, os argumentos favoráveis ao uso de tecnologias tentam se mostrar como uma representação da possibilidade de ‘veracidade’ do jogo. Ao reconhecer o erro como possibilidade inerente à tarefa da arbitragem, os recursos de monitoramento contrabalançariam essa tendência. Aqueles que simpatizam com as tecnologias de monitoramento não mencionam a possibilidade de dúvida mesmo com o uso de tecnologia, ao contrário, parece haver uma relação diretamente proporcional e progressiva entre tecnologia e certeza:

“(...) hoje você vê dentro do campo de futebol são mais de 20 câmaras em cada parte, então hoje eu acho que o futebol tá muito mais limpo, porque às vezes até quando o árbitro ele não acerta, aí o lance de você vê deslealdade ou alguma coisa, a TV hoje não deixa passar nada, até o que você fala dentro de campo é captado. Então eu acho que hoje você tá muito vigiado (...)”

Como se percebe, a vigilância é uma necessidade contra uma possibilidade intrínseca ao jogo que é o erro. Pode parecer muito óbvio, mas é muito importante perceber como esse modo de argumentar associa o erro à injustiça ou a algo que deve ser evitado com todos os esforços. Estamos diante de uma argumentação onde a vigilância propiciada pela técnica é que garante a adequação entre jogo e realidade. Como já começa a ficar claro, a adequação entre o jogo e a realidade seria a própria representação da justiça. Mais ainda, vigilância, adequação e verdade não são valores usados em si, mas pela sua aproximação com a justiça onde cada um recebe de acordo com seus esforços:

“Eu acho que tem que melhorar, como eu falei, eu acho que você tem que usar sempre a tecnologia para melhorar. Então, como eu falei, hoje como tem muitos árbitros preparados, tem muitos árbitros também despreparados fisicamente e mentalmente, então eu acho que qualquer construção, eu acho que desde que os árbitros se preparam bem... Você faz um trabalho de um ano todo, o árbitro em dez segundos, 30 segundos, ele joga todo o trabalho a perder (...)”

Nesse argumento, a idéia de justiça buscada na experiência do futebol está diretamente relacionada à compensação pelos esforços em seguir a rotina racionalizada da prática futebolística:

“(...) a atacante além de ‘tá’ impedido, muitas vezes ele usa a mão e de repente você treina a semana toda e você acaba perdendo o jogo por causa de uma infração errada, você acaba perdendo o jogo, então eu acho que poderia ser usada essa tecnologia para no momento do árbitro (...) ser usada dentro de campo (...)”

É o reconhecimento da posição ou compromisso com a rotina racionalizada do futebol que delinea a oposição mais marcante entre os argumentos que defendem o uso das tecnologias de monitoramento e as posições contrárias a ele. Assim, podemos observar no argumento de um juiz a clara distinção entre as necessidades dos profissionais e daqueles que tem uma relação ‘meramente’ afetiva ou emocional com o futebol. Os profissionais precisam das formas mais desenvolvidas de adequação entre (a) o jogo e a realidade, (b) o ato e a sua avaliação, (c) o esforço despendido e o ganho. Enquanto os outros

arcariam com custos que seriam “apenas emocionais”, eles precisariam lidar com prejuízos que seriam “concretos”:

“porque eu penso assim muito em prejuízos e, por mais que a polêmica no futebol não seja boa para a arbitragem, é boa para massa em geral, para torcida, a questão da polêmica, mas para a arbitragem eu não acho legal... mas a questão da tecnologia eu acho interessante para a questão do prejuízo, porque sempre uma das equipes vai sair prejudicada (certo?) em alguns lances polêmicos mesmo, e talvez a tecnologia evite isso. Por exemplo, se fala num chip na bola: a bola entra, a bola sai, talvez se já se usasse isso no Brasil, outros assistentes ou árbitros deixariam de ser punidos, não ficariam no prejuízo se ele não acusasse um gol, mas o chip acusasse... Não iria prejudicar uma equipe, não iria prejudicar o assistente, pois não teria como voltar atrás”

Note-se que o uso desse argumento não tenta retirar sua força de aspectos puramente racionais e profissionais. A estes motivos é incorporado uma forte recorrência a um modo de justificar baseado em valores da família, da casa, do salário, da sobrevivência. A necessidade de sair da ordem de valor do ‘Mercado’ e a ‘Indústria’ (Bolstanski e Thévenot) para se aproximar das ordens ‘Doméstica’ e “inspirada ou da graça” (idem) é evidente na construção desse argumento. O argumento de um jogador apresentado abaixo é realmente importante porque nele vemos esse esforço de recurso a distintas ordens de uma maneira muito clara: a própria emoção, humanidade ou caráter de sonho (base do argumento contrário) passa a ser associada com a posição do profissional uma vez que sua vida estria mais ‘verdadeiramente’ ligada ao futebol como sobrevivência mesmo:

É que na dúvida, é que as pessoas, o que para nós é trabalho para os outros é espetáculo né? Então, com certeza no trabalho deles não gostaria de perder ou ganhar na dúvida, por causa de uma dúvida de alguém né? Mas como aquilo ali é um espetáculo que eles não tem envolvimento nenhum, financeiro nem emocional pra eles aquilo ali tanto faz. Agora pra quem depende do pão, pra quem depende da família, pra quem depende de todo um trabalho humano, às vezes um sonho, uma vida, tudo mais, as vezes uma simples jogada, por causa de um erro, é muito, eu acho que é muita punição, pra gente, a gente que trabalha o ano inteiro e tem um monte de dificuldade e tudo o mais. Eles só vêem lá o espetáculo, não vêem o lado humano do jogador também. O que pra nós é trabalho, pra eles é diversão, Eu acho que se eles olharem por esse lado, com certeza, no ramo de trabalho da advocacia ou qualquer outro ramo desses, ninguém gostaria de perder ou ganhar o ano dele por causa do erro de alguém. Porque todo mundo disse que estava errado, mas ele errou e não tem como voltar atrás.”

A transição das ordens de valor é um aspecto importante para entender o esforço argumentativo em favor dos usos das tecnologias de monitoramento. Percebemos que não estamos diante de uma simples valorização do que é ‘racional’ e ‘profissional’ no futebol, mas este tipo de argumento tenta trazer para sua visão da experiência futebolística o valor das emoções, da fortuna e graça. De fato, estamos diante de uma tentativa de combinação dos valores onde o argumento oposto, ou a ordem de valor que se opõe, é reinterpretada. Nesse sentido, aqueles que são favoráveis ao monitoramento e vigilância não pretendem negar a ‘magia’ do futebol, porém usá-la a seu favor. Nesse sentido, a magia e emoção são parte do jogo, mas numa posição delimitada e associada a certas posições no mundo do futebol como os ‘velhinhos da International Board’ ou “João Havelange”:

“A outra coisa que eles nunca aceitaram e aí foram os velhinhos da International Board que implicaram, que não querem fazer e que não fizeram até agora é na mesa você ter

um monitor de televisão que lhe dá a resposta que o árbitro não pode ter, ele tem frações de segundos para decidir uma coisa e que nunca tinha garantia, o que quês se quiser? A lisura do espetáculo?, então se é a lisura do espetáculo você tem que ter a garantia de que a bola entrou e de que a bola não entrou ou que se o sujeito botou a mão na bola ou não botou.”

“Mas, João Havelange, uma autoridade nossa aqui, que todo mundo conhece, que foi o presidente da CBB antes da CBF e que depois presidente da FIFA, ele foi enquanto presidente da FIFA totalmente contrário a isso achando que o erro do árbitro era um molho para o futebol, era um incentivo, algo mais para se discutir. Mas João Havelange partia também de uma idéia de inocência, de que achando que o árbitro era um homem puro e que errava por um erro humano, hoje a gente vê dolo nisso aí, vê erro tendencioso que você desconfia que é corrupção”

O discurso sobre o lugar dos velinhos da IB e de João Havelange nessa argumentação é bastante interessante porque tenta criar a imagem do argumento contrário e suas bases pragmáticas. Quem, no mundo racionalizado e profissional, defende esse tipo de perspectiva? Apenas pessoas de uma outra época, que viveram uma outra experiência de futebol “mais inocente”, supostamente mais descompromissado com a vida (e com a necessidade de sobrevivência) para poder se preocupar com a discussão posterior ao jogo e não com a seriedade e veracidade do momento do jogo (que seria mais real por estar ligada à sobrevivência de muitas pessoas).

Na tentativa de destituir a centralidade destes argumentos para a pragmática do futebol, os argumentos contrários ao uso de tecnologias de monitoramento trabalham para tentar estabelecer a centralidade da das ordens ‘Doméstica’ e ‘Inspirada’ (Bolstanski e Thévenot) para a vida. De maneira curiosa, os valores presentes na ordem do ‘Mercado’ e ‘Indústria’ (idem) não aprecem nesse modo de argumentar. O modo de apresentar a posição contrária às tecnologias revela uma preocupação com a realidade do futebol ou com a natureza de sua experiência que seria distinta de outras práticas desportivas. Assim, nas palavras de um treinador, temos:

“Em relação àquela questão de ter, de o árbitro poder observar o lance, eu sou contra. Eu acho que acabaria com a realidade do futebol, viraria uma situação... Eu acho que perderia a graça, porque o árbitro tem direito de errar. E o lance aconteceu, aconteceu, eu acho isso que é o interessante do futebol. Ele um dia vai errar a favor do teu time e a favor do outro time, eu acho que essa questão não pegaria e é muito difícil, por exemplo, no Brasil seria muito difícil, têm campos que não teriam essas condições, ia dar muita polêmica. Mesmo pela televisão, às vezes pode dar uma interpretação difícil, eu acho que o árbitro tem que tomar a decisão numa fração de segundos e isso que é a graça do futebol”

A idéia de “virar uma situação” só ganha sentido em oposição à “graça”. Nessa oposição está contida aquela idéia mencionada acima de que o futebol teria natureza distinta, uma experiência que se opõe à complexificação e racionalização. Nesse modo de argumentar percebemos uma aproximação do futebol com uma espécie de naturalidade que é associada a uma espécie de experiência humana ou primeira: reforçam essa idéia as associações com “o povo”, “as crianças”, “a rua”. O que garantiria a adequação ou nexu entre a experiência do futebol e a vida, nesse caso, seria a sua própria imprecisão ou emoção. Uma oposição que apareceu foi entre o futebol e o tênis, este último não seria afetado pela pausa a cada dúvida, pelo controle meticuloso das câmeras e dos juízes por que sua própria natureza é adequada à essa ordem. Nas palavras daquele mesmo treinador:

“Eu acho que o futebol é muito mais envolvente, muito mais abrangente, tem muita coisa a mais do que outros esportes... E é um esporte do povo, de maneira geral é o esporte do povo, então eu acho que você não pode sofisticar demais, criar coisas demais, que você pode tirar a graça do próprio esporte, que é sem dúvida nenhuma o esporte que enche os estádios ainda, com todos os nossos problemas”

Neste modo de justificar, o valor da justiça vem de sua adequação à vida como ela é: imprevisível, sujeita aos humores da fortuna, e não de uma compensação pelo esforço realizado. A lógica aqui apresentada está muito mais próxima de uma tragédia onde a relação entre os atos é desmedida. Os argumentos favoráveis a “La mano de Dios” mostram essa idéia: Maradona não mereceu sua sorte pela quantidade de treino durante a vida, mas pela sua vida mesmo: seu sofrimento, sua posição social, a posição da Argentina no cenário mundial-aspectos incomensuráveis que não podem ser pagos segundo uma lógica do preço justo⁴. A imprecisão é parte do futebol e razão de sua conexão tão forte com a ‘vida’:

“Mas eu acredito que, tem uma coisa dúbia, também você tirando isso você é... Determinando aquilo ali e é o que eu disse que move o futebol que é a discussão, que é a diferença. No futebol você pode fazer um gol de costas, de bicicleta, de calcanhar, de cabeça, de mão sem que o juiz veja né, de várias formas, contra, aí você vai e vai fazer o gol (...)”

Apesar de não tentarem encontrar uma posição intermediária ou um acordo com aqueles que defendem o uso das tecnologias, esse tipo de argumentação procura também estabelecer uma dimensão de racionalidade em sua posição: primeiro, lembrando que nem todos os casos se resolveriam com o uso da tecnologia e que, portanto, a idéia de que a dúvida deixará de existir é falsa. Segundo, talvez essa discussão nem seja tão relevante quanto se pensa e talvez o uso da tecnologia pudesse provar ao outros a sua própria inutilidade:

“a tecnologia entrar para saber o percentual de efeito, começaria por aí, para ver se realmente existiriam esses erros tão absurdos que a gente acha que existe”

Os argumentos favoráveis ao uso das tecnologias de monitoramento constroem seu argumento tendo como uma base uma visão que se pretende mais pragmática que as outras uma vez que, ainda que aberta para as dimensões de magia e fortuna, afirma reconhecer e aceitar a natureza da vida com seus altos e baixos, suas glórias e tragédias. Eles não se percebem como “sonhadores” em oposição aos “racionalistas”, mas de uma maneira oposta: como pessoas que conseguem encarar que ávida é feita de reveses.

Há ainda uma posição intermediária nesse debate, uma tentativa de condensar os melhores argumentos de das posições apresentadas anteriormente para criação de uma ordem de valores ‘mais racional’. O seu processo de adequação entre vida e jogo se dá através do reconhecimento da tensão entre os valores e da conseqüente necessidade de elaborar ‘compromissos’ entre as posições distintas. Assim, para a disputa entre controle e vigilância e a natureza do jogo, a proposta é usar as regras apenas em momentos cruciais:

“Eu acho que a idéia da FIFA, que muitos falam, de criar um ponto eletrônico, principalmente para aqueles jogos importantes, finais de campeonato, eu acho que importante principalmente dentro do gol, como regra de impedimento, ou os lances de

⁴ Para uma discussão sobre os aspectos morais de “La Mano” ver: BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. (2011b)

pênalti também. Exemplo: nos 40 minutos do segundo tempo, foi fora ou foi dentro, o juiz tá na duvida, aquilo ali para uma comissão para tirar a dúvida pra dizer se foi dentro ou foi fora.”

Esse argumento reconhece a possibilidade de que o jogo perca parte de sua ‘graça’, “ritmo” e “emoção”, mas tenta fazer concessão aos milhões que estão envolvidos na prática de esportes de alta performance. Assim, a idéia é criar uma separação simples (que, de fato, é muito difícil de se estabelecer na prática já que cada time há de considerar sua necessidade de ganhar e, portanto, os jogos de todas as divisões podem se tornar “fundamentais”) entre momentos que precisam e que não precisam das tecnologias de monitoramento.

Ainda que a proposição desta perspectivas tente se sobrepôr às outras com recurso a uma noção de racionalidade, plausibilidade e conhecimento da realidade, é preciso reconhecer que seu estabelecimento é dos mais difíceis. Ainda que esta venha a ser uma postura adotada no futuro, não podemos deixar de perceber que, em termos da construção de uma ordem de valor, as suas propostas de ação não podem ser identificadas imediatamente com a experiência do futebol. Como o exemplo dado acima, quem pode realmente estabelecer ‘momentos cruciais’ ou lances capitais no momento em que eles acabaram de ocorrer? Diferentemente dos dois outros modos de justificar que possuem fundamentos normativos claros para a interpretação de cada situação de jogo, essa tentativa de organização dos valores pode ter o problema de funcionar apenas como análises *a posteriori*.

5. Final

Ao analisarmos os argumentos e recursos normativos empregados no debate sobre o uso das tecnologias de monitoramento, buscamos apresentar alguns aspectos que compõem os processos de construção social da moralidade no mundo futebolístico. Não temos ainda condição de estabelecer de forma clara a posição do futebol entre as seis (Bolstanski e Thévenot, 2000) ou mais (Lamont e Thévenot, 2000) ordens de valor, mas é possível perceber os elementos fundamentais que configuram os aspectos morais *da* e *na* interação ou, em outros termos, os fundamentos do seu modo de justificação. Este trabalho não apresenta uma resposta direta à questão das tecnologias de monitoramento, nem muito menos sobre a efetividade do futebol como experiência moral. Mas, acreditamos que a partir dessa discussão contribuimos para uma discussão sociológica sobre a experiências dos valores e da normatividade. Quando enfatizamos a idéia de moralidade na interação, mais do que moralidade da interação, tínhamos em mente esse objetivo que é compreender como são compostos os argumentos morais.

Bibliografia

BARRETO, T. V.; MORAIS, J. V. *Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo*. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.

BAUMAN, Z.(1998) *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. BOLTANSKI, L. & THÉVENOT, L. (2006) *On Justification: Economies of Worth*. Princeton University Press.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011a) *Regras do Jogo versus Regras Morais: Para uma Sociologia do 'Fair Play'*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 77, p. 133-147.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011b) *Regras do Jogo e Regras Morais*. In: Edilson Fernandes de Souza; José Luís Simões. (Org.). *Escritos a Partir de Norbert Elias 2*. 1 ed. |Recife: Editora Universitária UFPE, 2011b, v. 1, p. 173-192.

- ELIAS, N. & DUNNING, E. (2008), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.
- HITLIN, S & VAISEY, S. (eds.s) (2010) *Handbook of the sociology of morality*. New York: Springer.
- LAMONT, M. & THÈVENOT, L. (2000) *Rethinking comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2011) *The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figural Analysis of The Offside Law*. *Soccer and Society*, v. 12, p. 212-227.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento*. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 14, p. 129-156, 2008.